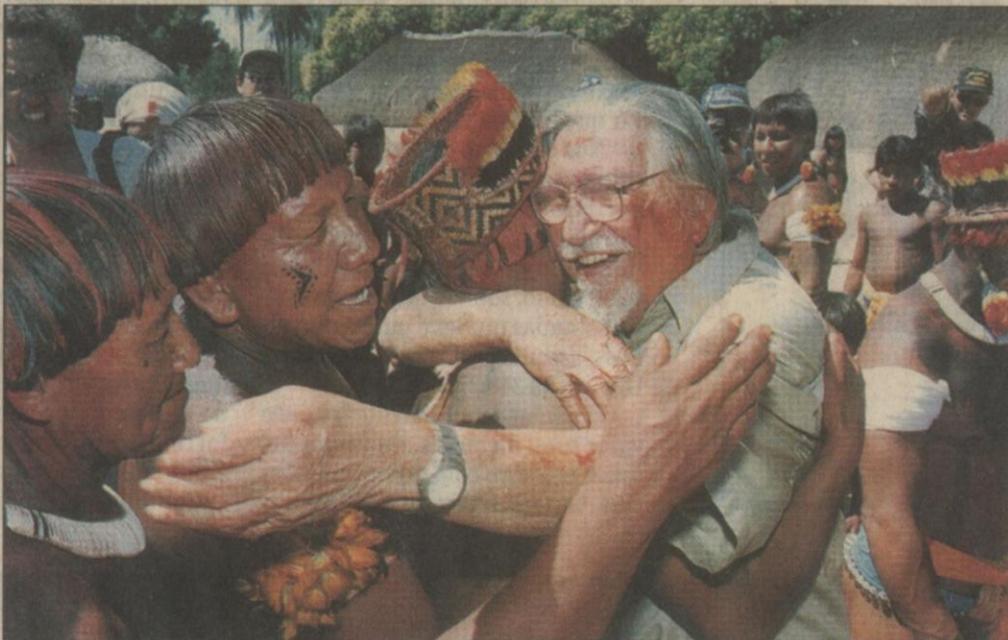


DE VOLTA AO XINGU

Na tarde do último sábado, 200 índios esperavam em fila na aldeia Kamayurá, no Xingu. Quando a poeira baixou, um homem de 84 anos desceu do avião e abraçou um por um. Era o sertanista Orlando Villas-Boas (foto), que em 1947 chegou à região e encontrou ali 800 índios. Hoje, eles são três mil, em muito graças aos irmãos Villas-Boas (além de Orlando, Claudio, Leonardo e Álvaro). No último fim de semana, Orlando voltou ao Xingu para a festa do Kuarup.

PÁGINA 9

Carlos Moura



28/7/98
28/7/98
C.B.
129

O último bandeirante volta ao Xingu

Orlando Villas Boas, depois de 14 anos longe dos índios, foi homenageado na festa dos mortos, que reuniu dez tribos

Antonio Vital
Enviado especial

Parque Nacional do Xingu — Em abril de 1947, dois jovens índios se aproximaram do acampamento da Expedição Roncador-Xingu, às margens do lago batizado pelos brancos de Jacaré, no rio Kuluene, nordeste do Mato Grosso. Kanato, um iwalapiti, e Nahru, um kuikuro, queriam ver pela primeira vez um caraíba. Kanato viu e ficou. Nos cinco anos seguintes, viveu no acampamento e se tornou protegido dos irmãos Orlando, Cláudio, Leonardo e Álvaro Villas Boas, os primeiros a manter contato permanente com as 14 nações indígenas do que é hoje o Parque Nacional do Xingu.

As 14h do último sábado, Kanato era um dos mais agitados na fila de quase 200 índios formada no centro da aldeia Kamayurá, a 12 km do antigo acampamento, chamado agora de Posto Leonardo Villas Boas. Os índios, vermelhos de urucum e pretos de uma mistura de carvão com jenipapo, observavam impacientemente o pouso de um bimotor Sêneca na estrada de terra em frente à aldeia.

Quando a nuvem de poeira levantada pelo avião se dissipou, um homem grisalho, de cavanhaque, surgiu amparado pelo cacique iwalapiti Arítana e pelo pajé kamayurá Tucuman. Ele caminhava com dificuldade, cumprimentou o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sullivan Silvestre, e começou a abraçar, um por um, os índios em fila. Ao chegar a vez de Kanato, os dois homens choraram. "Meu pai, meu pai", dizia o índio, de mais de 60 anos, seis filhos, dois netos, para o visitante, Orlando Villas Boas, 84 anos.

PRESERVAÇÃO

Villas Boas não ia ao Xingu há 14 anos. Os índios mais jovens só o conheciam por meio das histórias contadas pelos mais velhos sobre os quatro irmãos. Há 50 anos, eles encontraram a região do rio Xingu e afluentes ocupada por cerca de 800 índios de 11 aldeias diferentes. A população, hoje, é de 3 mil, distribuída em uma área protegida de 30 mil quilômetros quadrados.

Um dos fatores para o aumento populacional foi a criação do parque, em 1961, e a assistência médica, jurídica e policial decorrentes do esforço dos Villas Boas. E os índios sabem disso. Orlando é o último irmão vivo. Leonardo morreu em 1961, Álvaro em 1996 e Cláudio em março passado. Para as tribos do Xingu, a alma do morto vai para a aldeia que fica no céu. A liberação da alma dos mortos importantes é comemorada anualmente no kuarup, que começa com choro e termina com festa. No último

final de semana, a cerimônia foi dedicada a três mortos ilustres: o guerreiro kamayurá Mariká e dois homens brancos, Cláudio e Álvaro Villas Boas.

Ao chegar à aldeia, Orlando Villas Boas foi conduzido a três troncos enfeitados com penas coloridas, fixados no chão, no centro da aldeia, ao lado da karitu, a casa das flautas proibida às mulheres. Cada tronco, ou kuarup, representava um dos mortos. Na verdade, para os índios, cada kuarup é, de fato, um dos mortos.

Orlando chorava abraçado a Kanato. No final dos anos 40, os dois se associaram numa espécie de trama nupcial. Kanato, um ywalapiti, queria se casar com uma jovem kamayurá. O sertanista aconselhou-o a roubá-la. Combinaram atraí-la para um encontro às margens do Kuluene. "Quando você estiver lá com ela, eu apareço com uma canoa e vocês fogem", disse Villas Boas. Assim foi feito. A ira do pai da noiva só foi aplacada com a promessa, do sertanista, de que o casal iria receber muitos presentes.

A história foi confirmada por Orlando e outros dois índios mais velhos. Kanato tenta negar. "Ela é que me roubou. Eu saí correndo e ela veio atrás. Pulei na canoa e ela pulou junto. Eu não queria casar, foi o Orlando que mandou", alega. O casamento não durou muito e Kanato acabou se casando com duas irmãs da primeira mulher.

INFLUÊNCIA

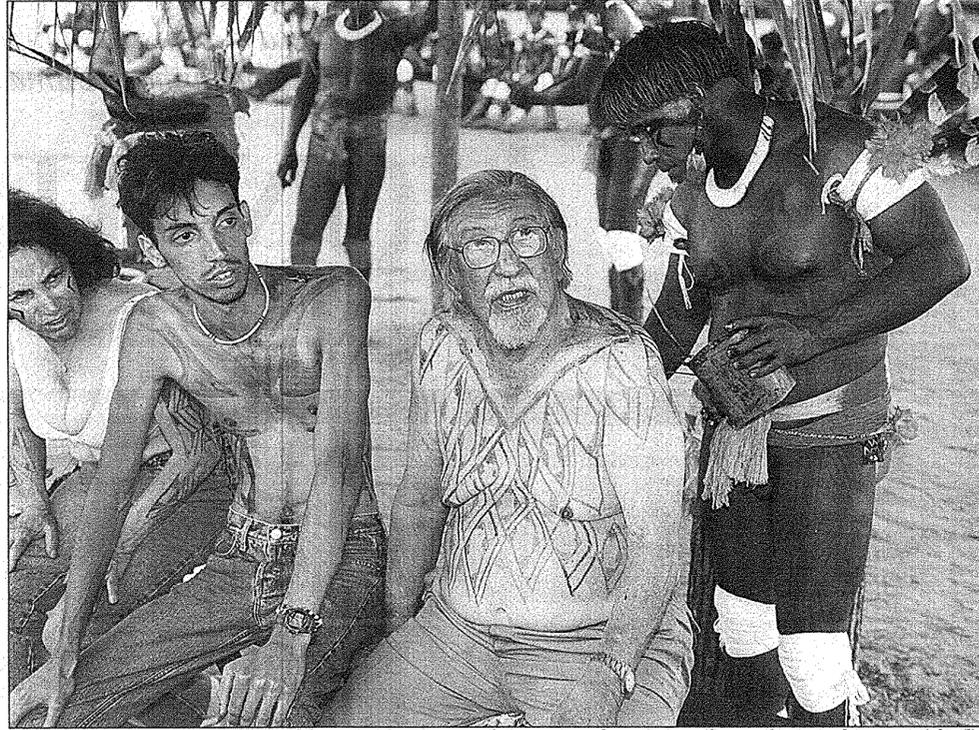
A influência dos Villas Boas no destino dos índios do Alto Xingu não se limita à criação formal do parque.

"Foi ele quem me batizou", recorda o pajé Sapain, um kamayurá de grande liderança em todo o parque. Sapain tinha 12 anos e não se afastava um instante dos irmãos, principalmente de Cláudio. Era mirrado e não parava quieto. "Esse menino deve ser um sapain", disse Orlando, se referindo aos legendários índios anões que assombram a imaginação dos povos do Xingu. O apelido virou nome e Sapain, com mais de 60 anos, doente, foi dar um abraço no amigo. O filho dele, Janaculá, é o administrador do Parque Nacional do Xingu.

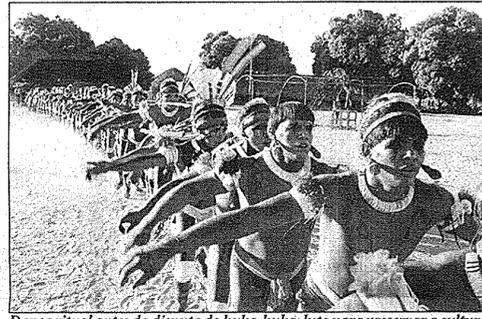
Villas Boas levou um susto ao ser apresentado a um caboclo calado, de chapéu e roupa de vaqueiro, muito à vontade em meio aos índios. "Meu Deus, Akará", disse. Akará é o nome kamayurá de João Abreu, 62 anos, aos 9 raptao pelos caiapó à margem do rio Tapirapé, na cidade de Santa Terezinha, Mato Grosso.

Ele foi retirado da aldeia caiapó aos 18 anos por Orlando. Voltou para a casa da família, que o julgava morto, e virou vaqueiro entre os brancos. Foi chamado de volta pelos índios e hoje cuida do pequeno rebanho dos kamayurá.

Fotos: Carlos Moura



Orlando (C), a mulher, Marina, e o filho, Noel, foram pintados com urucum e carvão misturado com jenipapo durante o kuarup em homenagem à família



Dança ritual antes da disputa do huka-huka: luta para preservar a cultura

Índio civiliza branco

O campeão de huka-huka tem mais prestígio no Xingu que Ronaldinho entre os brancos. O jovem das aldeias da região que quiserem ser os mais fortes passam por um rígido treinamento que envolve abstinência sexual, noite em claro antes da competição e descamação da pele de todo o corpo com um osso de peixe. Sem contar a longa reclusão na adolescência.

O cacique Arítana, dos ywalapiti, se retirou das lutas mas permanece como uma espécie de Pelé do huka-huka. Foi campeão absoluto do Xingu por 18 anos.

Serviú de inspiração para uma novela da TV, mas é um líder modesto. "Fiquei cinco anos recluso em casa, não saía nem para tomar banho, talvez por isso tenha me fortalecido", explica.

Arítana fala perfeitamente o português e nunca estudou em escola de branco. "O mais importante é preservar nossa cultura, nossas tradições", resume. No kuarup em homenagem aos Villas Boas, os índios civilizaram os brancos e o indigenista, junto com a mulher, Marina, e os filhos, Noel e Orlando, foram pintados com motivos indígenas.

O esforço de preservação permite casos como o de Janaculá, o administrador do parque. Aos 5 anos, com pneumonia, Cláudio Villas Boas e o sanitarista Noel Nutels o levaram para o Rio de Janeiro, onde foi adotado por uma família de dentistas. Ficou 15 anos sem voltar à aldeia. Quando voltou, cursava Direito na Universidade de Guarulhos, em São Paulo. Mas voltou e se casou com uma índia. Foi aceito de volta.

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

UMA VIDA DEDICADA AOS INDÍGENAS

Orlando Villas Boas já teve 253 acessos de malária em 50 anos de vida entre os índios. Nasceu em Santa Cruz do Rio Pardo, no interior de São Paulo, em 1914. Junto com os irmãos Cláudio, Leonardo e Álvaro, criou uma nova política indigenista no país, baseada principalmente na preservação cultural dos diversos povos.

Entre 1944 e 1948, os Villas Boas participaram da vanguarda da expedição Roncador-Xingu, que chegou até a bacia do Tapajós. Durante caminhada, deixaram para trás 18 campos de pouso. Alguns, Cachimbo e Jacareacanga — seriam mais tarde transformados em bases militares ou pontos de apoio de rotas aéreas. Outros — como Leonardo Villas Boas, Ditaurum e Kranhacarore — em postos de assistência aos índios.

Terminada a expedição, em 1951, Orlando promove uma campanha pela criação da reserva indígena do Alto Xingu. Foi o primeiro diretor do parque, quando este finalmente foi criada, em 1961. De lá para cá, permitiu o estudo aprofundado da cultura indígena, atraindo para

o Brasil intelectuais de renome, como Claude Lévi-Strauss.

"O índio tem uma mitologia altamente sofisticada. Acredita, por exemplo, em uma ordem e em um equilíbrio natural das coisas. Socialmente, surpreendem a cada instante. Você nunca verá um pai batendo em um filho. Uma vez, perguntei a um índio o que ele ensinava para o filho. Ele me respondeu 'nada'. Eu o questionei, perguntei a razão. A resposta foi: 'ele não me pediu, quando ele me pedir para ensinar algo eu o farei'", explicou.

Em 1961, pediu ao então secretário de Justiça de São Paulo, Miguel Reale, que cedesse uma enfermeira ao parque recém-criado. Reale concordou, desde que alguma enfermeira do estado se dispusesse a ir. Foi assim que ele conheceu Marina, com quem acabaria se casando.

Marina e os dois filhos do casal, Noel e Orlando, acompanharam Villas Boas ao kuarup promovido no último final de semana.

No domingo, o ministro da Justiça, Renan Calheiros, anunciou que lançará a candidatura de Villas Boas ao Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho de preservação física e cultural dos índios do Xingu. O maior sertanista brasileiro vivo, porém, se comportou como um visitante qualquer ao ser convidado para passar o kuarup entre os índios. Antes de deixar São Paulo, onde mora, fez questão de tomar vacina contra a febre amarela.

A onça e a lagoa proibida

Ele jura que é verdade e viu com os próprios olhos. "Quinze indiozinhos foram nadar no rio e um deles foi apanhado por uma onça. Os guerreiros da aldeia deram caça ao animal mas não o acharam. O pajé não se abalou. Disse que quando o sol estivesse no alto, a onça entraria na aldeia, se deitaria e se ofereceria em sacrifício. Quando o sol chegou à posição indicada, o bicho apareceu. Passou a cinco metros de onde eu estava, deitou-se no chão e repousou a cabeça na terra. Os índios a decapitaram".

Orlando Villas Boas é um estudioso, não acredita em bruxas, mas sabe que elas existem. Tacumã, o pajé kamayurá que presidiu o kuarup, é um exemplo. O pai dele, também pajé, falou ao filho da existência de uma lagoa proibida, Iaruré. Só um grande pajé poderia entrar nas suas águas e permanecer vivo. Avisou, porém, que isso nunca aconteceria porque não iria aparecer esse homem.

O filho descobriu a lagoa, mergulhou e encontrou cacos de cerâmica no fundo. Villas Boas mandou analisar as peças. Tinham 2,5 mil anos.

■ O repórter Antonio Vital viajou ao Xingu a convite da Funai